

## O RADIOJORNALISMO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE SANTA MARIA DAS MANGUEIRAS

### RADIO JOURNALISM IN THE QUILOMBOLA COMMUNITY OF SANTA MARIA DAS MANGUEIRAS

Marciley Alves Dias<sup>1</sup>

0009-0002-6903-7752

Liliam Deisy Ghizoni<sup>2</sup>

0000-0002-1254-7455

Jéssica Painkow Rosa Cavalcante<sup>3</sup>

0000-0002-6325-5735

#### RESUMO

Este artigo tem como objetivo geral analisar o papel do radiojornalismo na percepção da Comunidade Quilombola de Santa Maria das Mangueiras, localizada no Estado do Tocantins. Para tanto, busca-se traçar o perfil dessa comunidade, investigando o acesso e o consumo de informações por meio do rádio. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, valendo-se da análise de fontes documentais, bibliográficas e legislativas como métodos fundamentais para sua investigação. Esses métodos são empregados para comparar os argumentos e fatos presentes na literatura, a fim de oferecer a melhor solução para a problemática abordada. Além disso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com dez moradores da comunidade. Na Comunidade visitada, o rádio se tornou um meio de informação e afetividade, fortalecendo os laços entre os moradores e a comunidade em geral. O radiojornalismo tem se mostrado uma ferramenta importante na comunicação com as comunidades quilombolas. Na Comunidade visitada, os moradores estabeleceram uma relação de confiança com o rádio, que se tornou um meio de informação e entretenimento.

**Palavras-Chave:** Quilombo Santa Maria Das Mangueiras. Radiojornalismo. Rádio.

#### ABSTRACT

*This article aims to analyze the role of radio journalism in the perception of the Quilombola Community of Santa Maria das Mangueiras, located in the state of Tocantins. To achieve this goal, it seeks to outline the profile of this community, investigating access to and consumption of information through radio. The research adopts a qualitative approach, relying on the*

---

Artigo submetido em 13/07/2023 e aceito para publicação em 29/12/2023.

<sup>1</sup> Mestre em Comunicação e Sociedade, pela Universidade Federal do Tocantins, UFT.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9446733425342202>. E-mail: [marcileyster@gmail.com](mailto:marcileyster@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutora em Psicologia Social do Trabalho e das Organizações, pela Universidade de Brasília, UNB.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9903452459296489>. E-mail: [ldghizoni@uft.edu.br](mailto:ldghizoni@uft.edu.br).

<sup>3</sup> Doutora em Direito Público, pela Universidade Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4024280261959707>. E-mail: [jessicapainkow@hotmail.com](mailto:jessicapainkow@hotmail.com).

*analysis of documentary, bibliographic, and legislative sources as fundamental methods for investigation. These methods are employed to compare arguments and facts present in the literature to provide the best solution to the problem addressed. Additionally, semi-structured interviews were conducted with ten community residents. In the visited community, radio has become a means of information and affection, strengthening the bonds among residents and the community at large. Radio journalism has proven to be an important tool in communicating with Quilombola communities. In the visited community, residents have established a relationship of trust with the radio, which has become a means of information and entertainment.*

**Keywords:** *Quilombo Santa Maria Das Mangueiras. Radio journalism. Radio.*

## 1 INTRODUÇÃO

O radiojornalismo exerce considerável influência nas comunidades remotas, moldando a vida cotidiana, a cultura e a identidade destes grupos. Esta pesquisa se concentra em investigar como o radiojornalismo afeta as comunidades quilombolas, com ênfase no Quilombo Santa Maria das Mangueiras, localizado no município de Dois Irmãos, no Estado do Tocantins.

Assim, questiona-se: Como o radiojornalismo impacta a vida cotidiana, a cultura e a identidade das comunidades quilombolas, especificamente no Quilombo Santa Maria das Mangueiras, localizado no município de Dois Irmãos, no Estado do Tocantins?

A pesquisa em questão busca abordar a influência do radiojornalismo sobre as comunidades quilombolas, com ênfase no Quilombo Santa Maria das Mangueiras e o estudo se alinha aos campos de Comunicação e Informação ao explorar a relevância do radiojornalismo como meio de comunicação nessas comunidades.

O estudo procura analisar o papel do rádio como fonte de informação, sua capacidade de gerar engajamento social e os desafios para assegurar o acesso à comunicação. A influência do radiojornalismo nas comunidades quilombolas representa uma lacuna nos estudos de Comunicação e Informação. Este estudo visa preencher essa lacuna, investigando de que forma o radiojornalismo influencia a vida diária, a cultura e a identidade dessas comunidades.

Esta pesquisa pretende não apenas entender o impacto do radiojornalismo nessas comunidades, mas também contribuir para o avanço dos estudos que consideram as comunidades quilombolas como sujeitos ativos, não apenas objetos de pesquisa. Busca-se, assim, ampliar a perspectiva acadêmica e o respeito à identidade e agência desses grupos.

A pesquisa também visa estimular a reflexão sobre a importância da democratização da informação e a garantia do direito à comunicação em todas as esferas da sociedade, incluindo os grupos historicamente marginalizados. Ao explorar essa temática, espera-se contribuir para o conhecimento acadêmico sobre a influência do radiojornalismo em comunidades quilombolas, fornecendo subsídios para o aprimoramento das práticas comunicacionais e o fortalecimento dessas comunidades.

Ao explorar a influência do radiojornalismo nas comunidades quilombolas, este estudo visa promover a democratização da informação e reforçar a garantia do direito à comunicação para grupos historicamente marginalizados, alinhando-se aos princípios de justiça social e inclusão.

As comunidades quilombolas são reconhecidas por sua história de resistência e esforços na preservação de suas tradições, cultura e identidade étnico-racial. O acesso à informação desempenha um papel crucial na conscientização e mobilização social dessas comunidades.

O radiojornalismo emerge como um meio vital de comunicação para essas comunidades, fornecendo informações, entretenimento e fomentando discussões sobre questões relevantes para seus contextos socioculturais. A linguagem direta, objetiva e de fácil compreensão do rádio torna-o acessível mesmo em áreas remotas e de difícil acesso aos outros meios de comunicação. No entanto, as comunidades quilombolas ainda enfrentam desafios, como a falta de acesso aos serviços públicos de qualidade, à violência e à ameaça de grilagem de suas terras.

Arnheim (2005) afirma que a principal característica do rádio é oferecer uma experiência completa apenas por meio do som. Mesmo admitindo que a falta de elementos visuais pode levar o ouvinte a imaginar o que está sendo transmitido, o autor argumenta que se uma obra exige essa complementação é porque ela é inadequada e não alcançou seus objetivos de forma completa.

Em termos gerais, as comunidades quilombolas são grupos formados por descendentes de africanos escravizados que fugiam das senzalas e encontravam refúgio em áreas remotas e de difícil acesso. Essas comunidades são resultados dos processos históricos de resistências e lutas contra a escravidão, que se consolidaram no Brasil durante o período colonial.

Analisando a instituição Quilombo no Brasil, a partir da origem da instituição *Kilombo* na África, neste artigo, o quilombo é entendido como um conceito abrangente e político. Refere-se a toda a região ocupada por comunidades remanescentes dos antigos quilombos, formada por grupos de pessoas (os quilombolas) que mantêm um estilo próprio de organização cultural, social e política (Munanga, 1996; Nascimento, 2002; Cavalcante, 2021).

As comunidades quilombolas são reconhecidas na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (CRFB/88) como grupos étnicos e culturais com direitos territoriais e culturais especiais. Esse reconhecimento legal é fundamental, considerando a histórica e constante luta dos quilombolas pela garantia de seus direitos. Essas comunidades possuem uma cultura diversa, expressa em suas práticas religiosas, culinárias, músicas, danças e outras formas de expressão. Elas também possuem um forte vínculo com a terra, que desempenha um papel central em sua história e cultura. No entanto, elas enfrentam desafios significativos, como a falta de acesso aos serviços públicos de qualidade, violência e ameaça de grilagem de suas terras. A luta dessas comunidades pelos direitos territoriais é pela preservação de sua cultura, identidade, justiça social e pela construção de um país mais justo e democrático (Bargas, 2018).

Desde os anos 2000, a discussão sobre questões étnico-raciais tem despertado o interesse dos pesquisadores de Comunicação, especialmente no contexto das comunidades quilombolas. É importante considerar o contexto socioeconômico para compreender como as dinâmicas sociais afetaram a população afrodescendente no Brasil<sup>4</sup>, incluindo os residentes em comunidades quilombolas. Nesse período, as questões étnico-raciais ganharam maior visibilidade na sociedade, e as comunidades quilombolas buscaram

---

<sup>4</sup> No contexto deste artigo, adota-se o termo “afrodescendentes” como utilizado por Wesley Grijó (2016) ao abordar a questão quilombola na pesquisa em comunicação, referindo-se ao contexto socioeconômico da comunidade negra no Brasil.

reconhecimento e regularização fundiária de acordo com os direitos estabelecidos na Constituição. Além disso, ocorreram transformações socioeconômicas e midiáticas significativas para a população negra brasileira.

A estabilidade econômica do país e as políticas públicas de distribuição de renda implementadas na década de 2000 levaram uma parcela significativa de afrodescendentes a ingressar na faixa principal de consumidores da sociedade, como ressalta Grijó (2016). Além disso, foram estabelecidas políticas públicas para a democratização da comunicação, incluindo a concessão de rádios comunitárias para grupos antes excluídos pelos grandes meios de comunicação de massa, o que também beneficiou as comunidades quilombolas. Em 2010, a Comissão Constituição de Justiça e de Cidadania (CCJ) aprovou o direito de comunidades indígenas e quilombolas administrarem rádios comunitárias, ampliando o benefício que inicialmente se aplicava apenas aos povos indígenas (Grijó, 2016).

Após a aprovação do direito das comunidades indígenas e quilombolas administrarem rádios comunitárias, foram lançados diversos editais para a instalação dessas rádios em quilombos de todo o país. Exemplos dessas iniciativas incluem “a Rádio Mituaçu em Conde (Paraíba); a Rádio Quilombo FM em Gurupá na ilha do Marajó (Pará); e a Rádio Comunitária Esperança FM em Queimada Nova (Piauí)” (Grijó, 2016, p. 39). No entanto, vale ressaltar que no estado do Tocantins não existem rádios comunitárias quilombolas.

O estudo da cultura e sua relação com a formação da identidade é um aspecto relevante nessa área de pesquisa. Isso envolve a maneira como elementos subjetivos são problematizados nas relações humanas, a memória ancestral e as interações individuais e grupais com os acontecimentos sociais que influenciam a produção de significados e valores.

Erikson (1958) interpretou a identidade como um sentido assimilado pelos indivíduos, uma experiência de continuidade orientada para um futuro desejado e antecipado positivamente. Esse conceito tem sido objeto de estudos sistemáticos por pesquisadores interessados na forma como a identidade é construída em conjunto com as perspectivas de mundo, as imagens de si mesmo e as imagens das outras pessoas com as quais interagem (Penuel; Wertsch, 1995).

No contexto das notícias, a interação das pessoas com essas informações é de grande importância. Marcia (1966) destaca que as escolhas e respostas individuais diante de uma determinada situação são mais relevantes do que os processos socioculturais em si. Waterman (1988) afirma que o nível de análise da influência é psicológico, e a ênfase é dada às escolhas individuais em vez das oportunidades fornecidas pelo ambiente. No entanto, críticas nesse tipo de avaliação da identidade apontam para a marginalização dos processos socioculturais nas explicações da formação da identidade.

A crítica à pesquisa sobre o *status* de identidade, quando se enfatiza exacerbadamente o papel da experiência individual isolada na formação da identidade, precisa ser feita e o foco não faz justiça à própria “[...] *Erikson’s integration of sociological, historical, and psychological factors within one social psychological perspective [que] has not been taken into account*”<sup>5</sup> (Côté; Levine, 1988, p. 149).

O conceito de Marcia (1966, p. 552) de uma identidade saudável como alcançada por alguém que “*not appear as if he would be overwhelmed by sudden shifts in his environment or by unexpected responsibilities*”<sup>6</sup> é inconsistente com a visão de Erikson (1958) da identidade adulta como sendo moldada em resposta flexível sobre as mudanças de contextos da vida.

A produção e a reprodução de conhecimentos decorrem de maneira diferente dentro a sociedade de modo geral e as mais diversas comunidades em suas distintas especificidades, dependendo de suas matrizes culturais e socioeconômicas. Ferdinand Tönnies (2002) apresenta importante contribuição sobre as diferenças de sociabilidade entre as pessoas da sociedade (fortemente pautadas na contratualidade e no capital) e aquelas das comunidades, onde a afetividade, consanguinidade, religiosidade e coabitação são centrais na formação das relações sociais humanas (Brancaleone, 2008).

As Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e a internet têm impactado significativamente a sociedade, porém o rádio ainda mantém sua importância como veículo de comunicação acessível aos diferentes setores e

---

<sup>5</sup> Tradução livre: “integração de Erikson de fatores sociológicos, históricos e psicológicos dentro de uma perspectiva sociopsicológica [que] não foi levada em consideração”.

<sup>6</sup> Tradução livre: “não aparenta estar sobrecarregado por mudanças repentinas em seu ambiente ou por responsabilidades inesperadas”.

classes da população. Embora a internet tenha ampliado o acesso aos serviços e informações, a radiodifusão já alcançava áreas rurais e remotas, levando notícias e promovendo a comunicação entre as pessoas.

O Brasil possui uma diversidade linguística e étnica, com mais de 274 línguas indígenas faladas por 305 etnias e mais de 1,65 milhão de indígenas (FUNAI, 2022; CNN, 2023). Quanto aos quilombolas, em 2022, pela primeira vez o Instituto de Geografia e Estatística (IBGE) realizou um recenseamento da população enquanto grupo étnico populacional, já mapeando mais de 386.750 pessoas, sendo que os estados da Bahia, Maranhão e Pará representam mais de 61% do total de quilombolas, de acordo com o levantamento feito até agosto de 2022 (CONAQ, 2023).

É necessário avançar na compreensão e definição dessas comunidades para subsidiar estudos e promover seu desenvolvimento sustentável. Salienta-se que “os povos tradicionais (indígenas, quilombolas, caiçaras, geraizeiros, dentre outros) sofrem os impactos da sociedade nacional e dos interesses de grupos mais poderosos no âmbito internacional provocado pela lógica capitalista” (Moraes et al., 2021, p. 1). Os povos tradicionais enfrentam impactos da sociedade nacional e dos interesses capitalistas, e o diálogo interdisciplinar é fundamental para entender sua memória, história e realidade.

Por povos tradicionais, utiliza-se como base o conceito do artigo 3º, inciso I, do Decreto Lei nº 6.040/2007, sendo os Povos e Comunidades Tradicionais os grupos diferenciados culturalmente e que se autorreconhecem, que possuem formas próprias de se organizar socialmente e de ocuparem o território e recursos naturais disponíveis, com o objetivo de reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica. Oficialmente são 28<sup>7</sup> povos tradicionais reconhecidos pelo governo, porém, há muitos outros que não foram incluídos na legislação.

Destaca-se aqui a informação radiofônica e a participação dentro da Comunidade Quilombola de Santa Maria das Mangueiras (Dois Irmãos – TO), que se situa distante da capital do Estado do Tocantins, cerca de 180 km. Se

---

<sup>7</sup> São: andirobeiras, apanhadores de sempre-vivas, caatingueiros, caiçaras, castanheiras, catadores de mangaba, ciganos, cipozeiros, extrativistas, faxinalenses, fundo e fecho de pasto, geraizeiros, ilhéus, indígenas, isqueiros, morroquianos, pantaneiros, pescadores artesanais, piaçaveiros, pomeranos, povos de terreiro, quebradeiras de coco babaçu, quilombolas, retireiros, ribeirinhos, seringueiros, vazanteiros, veredeiros.

localiza na zona rural do município de Dois Irmãos, pertencente à Comarca de Miranorte do Tocantins e possui aproximadamente 23 famílias residentes. (Dpagra/TO, 2016).

De acordo com o relatório de visita realizado em 2016, o Quilombo de Santa Maria das Mangueiras, possui 23 unidades habitacionais em uma área que totalizam 120 (cento e vinte) alqueires, preliminarmente, a área da comunidade pertencia a 04 (quatro) irmãos que chegaram no local relatando ser rota de fuga, eram advindos da região do Mearim no Estado do Maranhão. A Comunidade foi certificada pela Fundação Palmares em 13 de julho de 2009 mas não possui um estudo antropológico da área até o momento (Dpagra/TO, 2016).

Considera-se que a Comunidade se encontra dentro de um raio de alcance da comunicação vinda da sociedade externa com todos seus traços culturais. Considerando a literatura de comunicação visitada, percebe-se a necessidade de maior atenção sobre a análise de comportamento do receptor mediante as informações advindas do uso do rádio, especificamente, a necessidade de estudos acerca da importância da informação radiofônica na formação sociocultural de comunidades tradicionais de modo geral e quilombolas em específico.

Neste sentido, estruturou-se como problemática central de estudo: Qual é a percepção da comunidade quilombola de Santa Maria das Mangueiras (Dois Irmãos – TO) sobre o radiojornalismo?

Importante enfatizar que a comunicação popular e comunitária desempenha um papel importante na emancipação das comunidades quilombolas, contribuindo para a luta contra a marginalização. A existência de rádios comunitárias é fundamental para uma comunicação inclusiva e eficaz, além de promover discussões sobre questões raciais e as condições de vida dos afrodescendentes no Brasil (Araújo; Peruzzo, 2019). Um programa de rádio na Amazônia chamado “Natureza Viva” tem evoluído para atender às diferentes comunidades tradicionais da região. Esse programa tem se engajado na divulgação de ações e manifestações culturais dessas comunidades, buscando criar um diálogo significativo com elas (Paixão, 2021).

A pesquisa interdisciplinar desempenha um papel central na produção de conhecimento sobre o desenvolvimento e os desafios enfrentados pelas comunidades tradicionais. No contexto do radiojornalismo, a abordagem



interdisciplinar se torna essencial ao analisar as comunidades quilombolas, considerando sua complexidade e diversidade. A pesquisa interdisciplinar e transdisciplinar facilita a troca de conhecimentos entre diferentes áreas, enriquecendo o processo de investigação. É importante estabelecer uma situação-problema compartilhada entre pesquisadores de diferentes disciplinas e estar aberto a revisar e adaptar o projeto à medida que surgem dúvidas e respostas (Pombo, 2005; Fazenda, 2010).

Ao explorar o radiojornalismo em comunidades quilombolas, é necessário considerar suas particularidades culturais, históricas, as relações de poder, demandas sociais e políticas de comunicação. A interdisciplinaridade permite uma compreensão mais completa do fenômeno. O radiojornalismo desempenha um papel fundamental ao levar informação às comunidades rurais, incluindo aquelas remotas e geograficamente isoladas. No estado do Tocantins, com sua diversidade de povos tradicionais, como indígenas, quilombolas e outros, o radiojornalismo tem uma presença significativa.

A pesquisa de campo foi adotada como metodologia orientadora do processo de investigação, sendo assumido como estratégia da pesquisa pois estudou-se um problema específico em um recorte geográfico-humano também específico. Levando em conta as características singulares das comunidades quilombolas, optou-se por estratégias que estimulassem uma maior interação e engajamento dos indivíduos presentes no encontro realizado.

A abordagem metodológica adotada incluiu uma variedade de técnicas, tais como círculos de diálogo com escuta atenta, orientação, observação, entrevistas e diálogos individuais. Os círculos de diálogo foram conduzidos durante as visitas à comunidade quilombola, abrangendo todas as residências dos moradores. As entrevistas foram realizadas com os membros residentes em suas casas, utilizando a modalidade de círculo de diálogo.

No processo de coleta de dados, foram realizadas 17 perguntas para obter informações gerais sobre a comunidade, autodeclaração e matriz étnico-cultural, além de explorar os padrões culturais, totalizando 9 perguntas nesse contexto. Foram feitas também 14 perguntas para analisar o consumo de informação pela comunidade, sendo 15 perguntas especificamente direcionadas ao consumo de rádio.

A coleta de dados contou com o auxílio de uma assistente de pesquisa. As atividades de pesquisa de campo foram executadas no mês de abril de 2023.

Essa metodologia possibilitou identificar as unidades textuais mais frequentes (palavras e expressões) para compreender a enunciação dos entrevistados e, a partir daí, proceder à análise crítica do conteúdo em questão.

## 2 RÁDIO E COMUNIDADES QUILOMBOLAS

Conforme Gonçalves e Silva (2020) apontam, o rádio é a união de três tecnologias: a telegrafia, o telefone sem fio e as ondas de transmissão. Historicamente o meio de comunicação de massa mais popularmente utilizado desde os séculos passados é o rádio, que foi inventado em 1896. A criação do rádio é creditada ao italiano Guglielmo Marconi, embora o dispositivo incorpore uma série de descobertas que vieram antes dele.

O rádio surgiu no Brasil em 1923 como um meio de comunicação sonoro, criando uma conexão íntima entre locutor e ouvinte (Taparelli, 2002). É um meio eficaz para informar e educar, desempenhando um papel importante no desenvolvimento econômico, político e cultural. Mesmo com o crescimento da televisão, o rádio continua sendo popular, atingindo áreas rurais (Sharma, 2017). O jornalismo de rádio envolve relatar as notícias de forma clara e compreensível, com desafios como a transmissão ao vivo e a necessidade de conectar-se emocionalmente com o público (Moura; Kneipp, 2017).

A voz é a ferramenta principal do jornalista de rádio, e as emissoras buscam criar uma conexão imediata com os ouvintes para mantê-los sintonizados. Muitos jornalistas de rádio desenvolvem essas habilidades e, portanto, foram capazes de se conectar com seu público em um nível individual, contribuindo para a popularidade do rádio no passado. A emissora de rádio aborda os ouvintes de forma direcionada, e tenta construir um *rapport* instantâneo, neste sentido, os ouvintes também se sentem conectados. As emissoras sabem que, se os ouvintes não gostarem de seu programa, sempre terão a opção de trocar de canal, portanto, qualquer programa — seja um *talk show*, um documentário ou um longa — deve tocar o ouvinte logo no início, segundo as observações de Ferrareto (2001).

O rádio, por não possuir imagens, depende exclusivamente do sentido da audição, o que pode limitar a transmissão de certas informações, como a complexidade de obras de arte. Além disso, em casos de desastres ou eventos de grande escala, a televisão pode transmitir visualmente a extensão dos danos, enquanto o rádio requer que o ouvinte use sua imaginação. E pode haver lacunas entre a ilusão e a realidade, segundo as observações de Starkey e Crisell (2009).

A transmissão de rádio pode ser unidirecional, feita por ondas de rádio ou por outras formas de transmissão, como satélite ou internet, com diferentes tipos de sinais. Existem diversos subtipos de estações de rádio, como as comerciais, públicas e comunitárias (Sharma, 2017).

As rádios comunitárias no Brasil surgiram como uma forma de democratizar a comunicação, concedendo a entidades associativas sem fins lucrativos o direito de utilizar frequências de FM em baixa potência e cobertura restrita para fornecer informação, cultura e entretenimento à sua comunidade. No estado do Tocantins, onde não há grandes centros urbanos, essas rádios exercem uma influência significativa, sendo o principal meio de comunicação nas áreas locais. Atualmente, a Federação das Associações de Rádios Comunitárias do Estado do Tocantins (FARCOM/TO) possui 60 emissoras outorgadas e em funcionamento (FARCOM, 2022).

O rádio, desde seu início em 1920, tem desempenhado um papel importante no jornalismo, sendo um canal de informação instantânea e uma forma pioneira em tempo real. Sua tecnologia remonta a estudos sobre eletricidade e transmissão de mensagens à distância, evoluindo para o desenvolvimento de telégrafos e telefones. A descoberta das ondas radiofônicas por Heinrich Rudolf Hertz, em 1887, e os experimentos de radiotelegrafia de Marconi e Landell de Moura levaram à transmissão de informações sonoras e voz sem fios. O rádio como meio de comunicação foi oficialmente constituído em 1916, e a primeira emissora de rádio estabelecida surgiu em 1920 (Ferraretto, 2001; Bianco, 2004; Lopez, 2009).

De acordo com a série de Walter Sampaio (1971, p. 19) sobre o rádio no Brasil, o surgimento deste meio se deu através do ato de fazer “vibrar as agulhas que arranhavam pedrinhas de galena, informando o receptor de galena”. Vampré (1979, p. 24) indica que “as frequências emitidas eram selecionadas no cristal

ou pedra de galena, bastando para isso uma pequena variação na agulha”, constituindo-se na principal tecnologia utilizada nos primeiros anos do rádio brasileiro.

Walter Sampaio (1971) também menciona que as duas primeiras transmissões radiofônicas brasileiras ocorreram em momentos distintos: a primeira no estado de Recife, em 1919, com a fundação da Rádio Clube de Pernambuco; e a segunda no estado do Rio de Janeiro, durante a primeira transmissão oficial de rádio no país, realizada em 07 de setembro de 1922, nas comemorações do Dia da Independência.

O rádio se tornou o principal meio de comunicação no Brasil a partir da década de 1930, atingindo seu auge nos anos 1940. Inicialmente focado em radionovelas e programas de entretenimento, gradualmente o jornalismo foi incorporado à programação. Nas décadas de 1990 em diante, o radiojornalismo passou por mudanças significativas devido à adoção de tecnologias digitais, permitindo uma transmissão mais ágil e dinâmica das informações. O surgimento do gravador magnético, transistor, frequência modulada e o uso de telefones celulares pelos jornalistas possibilitaram uma cobertura mais rápida e entrevistas ao vivo. Essas inovações tecnológicas impulsionaram o renascimento do rádio como meio de transmissão jornalística eficiente (Bianco, 2004).

A internet e as TICs desempenham um papel fundamental na transformação das rádios. Com o advento do radiojornalismo hipermidiático, as rádios adotaram uma linguagem multimídia, incorporando imagens, textos escritos, áudios, vídeos e infográficos. A internet oferece maior espaço e possibilidades de interação, permitindo a ampliação da informação por meio de links e múltiplas fontes. Além disso, o rádio se tornou cada vez mais portátil, presente em dispositivos como celulares, tablets e MP3 players.

Em tempos agora contemporâneos, a digitalização do rádio deve trazer uma série de vantagens, segundo as projeções técnicas, a rádio AM passará a apresentar qualidade de som de Frequência Modulada (FM), enquanto a FM terá qualidade de Compact Disc (CD). No entanto, outras transformações esperadas com a implementação do rádio digital terão um impacto direto nas atividades produtivas do jornalismo radiofônico. A convergência das mídias na internet levou ao surgimento das rádios online, criando um cenário diversificado. A integração da redação e edição de noticiários em uma central facilitou o fluxo de

informações, permitindo aos jornalistas acessar programas e matérias por meio de terminais de computador. Isso levou a uma abordagem mais sistemática de produção jornalística em um ambiente hipertextual (Bianco, 2006; Lopez, 2009).

Segundo Lopez (2009), o radiojornalismo hipermidiático pressupõe uma expansão significativa das estratégias narrativas, do espaço disponível e das oportunidades de interação para o meio de comunicação. Nessa dinâmica, o público não apenas consome, mas se torna produtor de conteúdo, demandando do veículo uma nova postura. Isso implica uma ampliação substancial das ferramentas de interação, a integração do veículo nas redes sociais e a criação de espaços que permitam ao ouvinte/internauta se identificar com a rádio.

É importante destacar que, de acordo com Cabral e Gehre (2020, p. 165) “o racismo sistêmico é uma prática que se encontra dissolvida nas relações sociais e nas estruturas que compõem a sociedade contemporânea”. Os autores apontam que indivíduos de etnias não brancas, especialmente negras, pardas e indígenas, frequentemente enfrentam situações de discriminação racial que vão desde episódios de violência nas interações do dia a dia até políticas discriminatórias. Essas políticas, originalmente destinadas a garantir acesso a recursos vitais como saúde, educação, emprego, moradia e qualidade de vida, muitas vezes acabam reproduzindo práticas racistas, impactando negativamente essas comunidades.

Cabral e Gehre (2020, p. 173) pontuam que “cada sistema cultural engloba um complexo de conhecimentos, crenças, costumes, símbolos, significados e quaisquer capacidades adquiridas em sociedade e, portanto, age como o principal elemento na constituição do sujeito”. Hall (2017, p. 16) menciona que toda ação social é cultural e “todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação”, ou seja, toda prática social tem uma dimensão cultural, da mesma forma que as práticas políticas e econômicas, também possuem uma dimensão cultural. Segundo Veiga-Neto (2003), nos dias atuais, as questões culturais têm ganhado considerável destaque em diversas áreas, elevando, por conseguinte, a relevância da cultura para uma reflexão acerca do mundo contemporâneo. Tanto a comunicação quanto a arte integram práticas culturais humanas. Além disso, a indústria cultural é cada vez mais decisiva para a renda e o potencial inovador;

as tecnologias de informação e comunicação passaram a ocupar um espaço ainda maior de privilégio nesse mercado.

Thompson (2009) constrói a abordagem estrutural da cultura, apoiada sobre a concepção semiótica, entretanto, respeitando o fato de que os fenômenos culturais estão imersos em contextos sociais estruturados. Segundo White e Dillingham (2009), a cultura humana não é homogênea, mas variada, e essas variações apresentam também uma dimensão temporal, pois uma mesma cultura muda com o tempo. A cultura também muda de lugar para lugar. Sendo assim:

Em torno desta análise, Geertz propõe duas condições para a sua teoria cultural, quais sejam: a primeira condição considera que quanto mais o conhecimento teórico avança, mais a tensão aumenta, ou seja, você “não é seu próprio dono”, com isso a sua liberdade de modelar-se em termos de uma lógica interna é muito limitada. “Qualquer generalidade que consegue alcançar surge da delicadeza de suas distinções, não da amplidão”; (Geertz, 2008, p. 17); a segunda condição trata a teoria cultural como não profética, uma vez que a generalização não é construída a partir de um conjunto de observações que tentamos subordinar a uma lei ordenadora, mas sim de inferência, que se inicia a partir de um conjunto de significantes (presumíveis) e depois tenta-se enquadrá-los de forma inteligível. Na cultura, este conjunto de significantes são os atos simbólicos ou conjuntos de atos simbólicos, e o objetivo é a análise do discurso. Geertz (2008) afirma que a tarefa construída a partir da concepção simbólica da cultura é descobrir as estruturas conceituais que informam os atos dos sujeitos, o “dito” no discurso social, e construir um sistema de análise que permite diferenciar o que é específico dessas estruturas conceituais de outros determinantes do comportamento humano, ou seja, a teoria tem como principal tarefa fornecer um vocabulário no qual possa ser expresso o que o ato simbólico tem a dizer sobre si mesmo, ou seja, sobre o papel da cultura na vida humana. (Godoy; Santos, 2014, p. 24).

No coletivo, as pessoas são programadas pela cultura. Mas a programação cultural individual nunca se revela em um nível consciente, no entanto, controla a maneira como usam os documentos humanos. Descobrir quais são esses mecanismos ocultos faz parte da comunicação intercultural. Essa habilidade parece ser negligenciada, mas é extremamente importante para um desenvolvimento socialmente sustentável (Packalén, 2010).

A sustentabilidade pressupõe que o ser humano criativo é de importância central, isso pressupõe flexibilidade e criatividade na raça humana. Isso não significa, é claro, que artistas e escritores devam ter um papel meramente decorativo, e não é sua função tentar repassar as descobertas de especialistas técnicos ou econômicos. Não se trata, portanto, de fazer da arte e da literatura instrumentos de uso alheio, ou tipos de estratégias comunicativas para o

desenvolvimento sustentável. A arte e a literatura são visionárias; são instrumentos valiosos em si mesmos e não devem ser confundidos com o comércio. Se fosse de outra forma e, a dimensão cultural fosse vista como uma espécie de marketing, não seria possível criar algo com apelo genuíno, ou seja, um verdadeiro engajamento com a questão da sustentabilidade (Packalén, 2010).

A Constituição da República Federativa Brasileira de 1988 (CRFB/88) estabelece a proteção do patrimônio cultural brasileiro, incluindo a cultura dos povos quilombolas, como parte dos diferentes grupos que compõem a sociedade brasileira. Conforme estabelecido no artigo 216 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, é incumbência do Poder Público promover e proteger o patrimônio cultural do país. Essa proteção abrange não apenas os bens de natureza material, mas também os aspectos imateriais, que englobam a maneira de expressão, o modo de ser e viver dos diversos grupos que compõem a sociedade brasileira. Dentro desses grupos diversos estão incluídos os povos indígenas, as comunidades quilombolas, os extrativistas e outras comunidades que contribuem para a formação cultural do país (Brasil, 1988). A Convenção 169 da OIT, adotada em 1989, e seu cumprimento no Brasil determinado pelo Decreto Presidencial nº 5.051, de 19 de abril de 2004, também reforçam a importância da preservação da identidade cultural desses povos.

O radiojornalismo desempenha um papel crucial na comunicação com comunidades remotas, onde o rádio muitas vezes é a única fonte de informação disponível. Além de fornecer notícias locais, o radiojornalismo ajuda a conscientizar a comunidade sobre questões relevantes. Uma vantagem significativa é a capacidade do rádio de alcançar pessoas em áreas com acesso limitado à eletricidade, servindo como uma fonte vital de informações sobre clima, estradas, eventos locais e serviços públicos (Nunes, 2013).

O radiojornalismo em comunidades remotas também pode ser uma plataforma para a discussão de problemas da comunidade e para a promoção da participação cívica. Programas de rádio que discutem questões locais, como saúde, segurança e política, podem ajudar a aumentar a conscientização sobre esses assuntos e encorajar a participação da comunidade na resolução de conflitos (Poague *et al.*, 2019).

O radiojornalismo é uma ferramenta poderosa para impulsionar a mudança social em comunidades remotas, apesar das limitações de recursos. Ao abordar questões relevantes e promover discussões construtivas, o rádio pode mobilizar a comunidade em torno de temas importantes. É fundamental que os jornalistas de rádio nessas comunidades tenham conhecimento da cultura e das tradições locais, garantindo a precisão e relevância das informações fornecidas (Nunes, 2013). Em resumo, o radiojornalismo desempenha um papel crucial na comunicação e mobilização das comunidades remotas, sendo capaz de alcançar um grande número de pessoas, promover a conscientização e incentivar a participação ativa em busca de um futuro melhor.

### **3 A COMUNIDADE QUILOMBOLA DE SANTA MARIA DAS MANGUEIRAS E O RÁDIO**

O Quilombo estudado localiza-se a cerca de 50 km da cidade de Dois Irmãos do Tocantins. Foi reconhecida como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural de Palmas (FCP) em 2009<sup>8</sup>, entrando na lista das 18 comunidades quilombolas reconhecidas pelo Governo Federal (Luz, 2009).

Luz (2009) realizou um levantamento histórico, cultural e social dessa Comunidade, enfatizando que os primeiros habitantes da região chegaram em Dois Irmãos, fugindo de uma guerra ocorrida no rio Mearim, no Estado do Maranhão, aproximadamente no fim do século XIX ou início do século XX. Eles se estabeleceram na área conhecida como Gerais e, ao longo do tempo, plantaram uma mangueira que se desenvolveu abundantemente, dando origem ao nome Mangueiras. Essa mangueira se tornou um símbolo da comunidade, sendo um marco da sua história e identidade.

Importante mencionar que a Comunidade possui, atualmente, cerca de 13 famílias, de acordo com o último censo (CONAQ, 2010), ainda que, em dias de hoje, de acordo com um dos participantes entrevistados para essa pesquisa, já são mais de 20 famílias.

---

<sup>8</sup> Com o registro no Livro de Cadastro Geral nº 011, registro n.º 1.165, fl. 181 de 13 de junho de 2009.



A Comunidade passou por um programa municipal chamado “Hoje é Dia” entre 2013 e 2014 que levou serviços de saúde e assistência social diretamente para a Comunidade, incluindo consultas médicas, atendimento odontológico, exames, medicamentos e campanhas de vacinação. Durante esse programa, foram coletados dados técnicos sobre a Comunidade Quilombola pela Defensoria Pública do Estado (Dpagra, 2016).

Em relação à agricultura, o município ofereceu serviços de gradagem para as propriedades rurais, porém apenas uma família da Comunidade se interessou e foi atendida. Também foram realizados serviços de perfuração de represas e cacimbas, com a Comunidade solicitando seis represas, uma das quais atendia duas famílias (Dpagra, 2016).

No que diz respeito à habitação, a Comunidade foi beneficiada com a construção de 23 casas pelo Programa Minha Casa Minha Vida Rural, todas em alvenaria. Quanto à educação, a Comunidade conta com a Escola Municipal Sino de Ouro, que atende alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental (Dpagra, 2016). Em relação à religião, todos os participantes, nas entrevistas realizadas, se autodenominam católicos.

Algumas famílias da Comunidade produzem artesanato, como tapetes, tapiti<sup>9</sup>, balaio<sup>10</sup> e abano<sup>11</sup>, para comércio. Além disso, a comunidade possui uma Casa de Farinha para a produção artesanal de farinha de mandioca. No entanto, nem sempre eles têm acesso à matéria-prima necessária, o que impediu a realização de um curso fornecido pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR). As atividades de subsistência da comunidade envolvem a agricultura local, aposentadorias e pensões dos moradores. As manifestações culturais incluem rezas de terços e danças típicas, como a mazuca<sup>12</sup>. A principal via de acesso à comunidade é pela TO-164 (Dpagra, 2016).

Em relação ao abastecimento de água, a comunidade possui um poço profundo que atende à escola, à Casa de Farinha e quatro famílias próximas. As

---

<sup>9</sup> Tapiti pode ser compreendido como um cesto que é trançado em diversas formas e tamanhos, podendo ser usado também para extrair o líquido da mandioca.

<sup>10</sup> O balaio pode ser descrito como um cesto de palha (ou outros materiais) que é utilizado para guardar objetos ou transportar mercadoria, usualmente é feito no formato redondo e grande.

<sup>11</sup> O artesanato com abano geralmente é utilizado para abanar o fogo, mantendo acessas a labaredas de um fogão (geralmente de barro), pode ser feito de coqueiro babaçu. Normalmente o formato semelhante como o de um leque ou bandeirolas de São João.

<sup>12</sup> A mazuca possui um ritmo que mistura influências indígenas e africanas, mistura-se o pandeiro, o ganzá e as batidas de pés. Geralmente é dançada por casais e uma roda.

outras famílias obtêm água potável por meio de cisternas e poços individuais (DPAGRA, 2016).

Em março de 2016, a visita à comunidade constatou que todas as 23 famílias possuíam energia elétrica. A tradição da comunidade se manifesta no festejo do Divino Espírito Santo, que ocorre no primeiro domingo de julho, com o uso de tambores e da dança mazuca. Durante o festejo, os moradores vestem pele de animais e fazem uma peregrinação pela comunidade (Dpagra, 2016).

O relatório de visita concluiu que não há grande incidência de alcoolismo, depressão ou doenças graves na Comunidade, mas foram identificadas duas pessoas com problemas mentais não diagnosticados, sendo uma criança de 7 anos e uma adolescente de 14 anos (Dpagra, 2016).

De acordo com as entrevistas realizadas com os quilombolas, o nome Santa Maria das Mangueiras, deriva de uma fazenda localizada na região cujo nome era Mangueiras, por causa de uma mangueira (árvore) antiga que já existia antes mesmo do morador da Comunidade chegar na região.

O Participante 7 remonta a história ao que chama de “época dos revoltosos”. A guerra, a revolta à qual o Participante 7 faz referência, possivelmente é a Balaiada, ocorrida entre 1838 e 1841. A Balaiada foi um movimento histórico que se estabeleceu na região de Caxias, no Maranhão, tratando-se de uma rebelião da massa maranhense desprotegida, composta por escravos, camponeses e vaqueiros que não tinham a menor possibilidade de melhorar sua condição de vida miserável (Dias, 2023). Encontravam-se, naquele momento, com sérias dificuldades de sobrevivência devido a grave crise econômica e aos latifúndios improdutivos (Fausto, 2019).

Essa massa de negros e sertanejos, cansada de serem usados pela classe dominante, acabara se envolvendo em uma luta contra a escravidão, a fome, a marginalização e os abusos das autoridades e militares, tendo como principais líderes do movimento, o vaqueiro Raimundo Gomes e o fabricante de Balaios. Assim se originou o nome balaiada. Outros líderes foram apontados como Manuel Francisco dos Anjos Ferreira e o negro Cosme, chefe de um quilombo (Fausto, 2019).

O movimento dos balaios chegou a conquistar a cidade de Caxias, a segunda mais importante do estado do Maranhão, porém, devido à desorganização e à falta de união dos líderes do movimento, as forças militares,

comandadas pelo coronel Luís Alves de Lima e Silva, venceram os balaios em forte repressão (Fausto, 2019). Assim, a origem da Comunidade também remonta à história de alguns balaios fugitivos deste movimento.

Pode-se recordar a obra do pensador Han (2021) acerca do desaparecimento dos rituais. Isto porque mesmo se pensar em certo apagamento da história dos quilombolas pelo esquecimento, pelo desprezo, pela falta de continuidade de certos rituais tradicionais que seriam os responsáveis pela coerção identitária destas comunidades.

Han (2021) adverte que não está escrevendo sobre a ausência de rituais por nostalgia. Porém, ao longo do livro, ele enfatiza a necessidade de rituais diante do caos promovido pelo neoliberalismo. Ele acredita que a reinstalação dos rituais é essencial para reverter ou superar o desregramento e trazer estabilidade e união.

Atualmente, com a visita in loco realizada na Comunidade, utilizando como fonte as entrevistas realizadas, percebe-se que a Comunidade vive em situação precária. A renda dos moradores é bastante baixa. Muitos deles não possuem renda fixa. Boa parte da renda vem dos trabalhos que realizam naquilo que os participantes chamam de “rocinha”. No entanto, esta é sazonal e flutuante.

No que diz respeito à autodeclaração de matriz étnico-cultural e acerca de padrões culturais, percebe-se que a maior parte dos participantes se autodeclararam na cor preta e de matriz africana. Alguns afirmam ter ascendência indígena. Nove participantes afirmam conhecer a história dos seus antepassados e a remontam à fuga de Mirim - MA, quando da época da Balaiada que eles chamam de “Tempo dos Revoltosos”.

Torna-se importante pontuar uma certa falta de identificação com a raça negra, ao se denominarem pardos e morenos, o que reflete no não pertencimento aos quilombolas, nem como remanescente e até desconhecimento da origem da Comunidade. Infere-se assim uma perda de identidade gradual que merece ser olhada com maior atenção.

Todavia, outra leitura pode ser feita acerca desse ponto, o negar-se enquanto quilombola pode estar relacionado ao estigma que o termo quilombo carrega — ao longo da história — para o participante entrevistado (CAVALCANTE, 2019). A resignificação do termo quilombola é uma ferramenta

importante enquanto uma resistência remanescente, Cavalcante (2021) pontua que a Comunidade Quilombola Mumbuca (situada no Estado do Tocantins) apontava resistência ao se reconhecer enquanto quilombo à época dos estudos preliminares, porém, na medida em que os moradores começam a tomar consciência da importância, do reconhecimento de direitos, acabaram ressignificando o termo quilombo e se apropriando, utilizando das ferramentas legais para garantir os seus direitos (Cavalcante, 2023).

Quanto ao acesso à informação e o consumo na Comunidade, quando indagados acerca do acesso à internet, os participantes da pesquisa responderam que 7 deles têm tal acesso, enquanto 3 não o possuem (Dias, 2023).

Vê-se que, ainda que a comunidade seja interiorana, dos 10 entrevistados 7 têm acesso à internet em casa, enquanto 3 não têm acesso à esta ferramenta. Acerca da questão do acesso de comunidades quilombolas à internet, os povos remanescentes de quilombos expressam preocupação com as mudanças culturais e sociais que as TICs podem trazer. Eles temem que suas identidades e modos de vida sejam afetados. No entanto, é importante destacar que a cultura não se limita ao passado, mas abrange todas as influências da sociedade contemporânea que nos cercam (Silva *et al.*, 2021).

Muitas vezes os membros destas comunidades temerosos com respeito às transformações culturais, evitam utilizar estas TICs. De fato, no entanto, à cultura não significa apenas uma preservação do passado, mas uma articulação em relação ao presente e ao futuro. Com essas considerações, a internet é uma forma importante de acessar as informações, sobretudo em espaços distantes dos grandes centros (Lopes *et al.*, 2022).

O acesso à internet é essencial para se garantir a inclusão dos invisibilizados, a exclusão infocomunicacional ao longo da história tem contribuído para a concentração de capital e o uso dos meios de comunicação para manter as desigualdades de poder no país. Essas desigualdades são evidentes quando considera-se aspectos como classe social, raça, gênero e território, que estão interligados de forma complexa (Lopes *et al.*, 2022).

Daí a importância de se garantir as comunidades mais distantes dos grandes centros o acesso à informação. Todavia, quando indagados acerca da Comunidade possuir acesso à internet, todos afirmaram que sim.

Acerca de quais aparelhos eletrônicos, voltados à comunicação, os participantes possuem em casa, estes responderam que possuem, sobretudo, televisores e rádios. Os celulares, na Comunidade, ainda não são unanimidade, como em diversos lares brasileiros. Quanto aos celulares, estes, que também são portas de acesso ao mundo da informação e são pouco utilizados na Comunidade. No Quilombo de Santa Maria das Mangueiras, o uso de celulares estava limitado principalmente ao serviço de telefonia móvel. Embora a maioria dos moradores possuísse smartphones, a conexão à internet era instável e praticamente impossibilitava o uso de aplicativos (Bargas, 2018).

Na Comunidade Quilombola Santa Maria das Mangueiras, percebeu-se a importância do rádio no universo dos participantes pelos números expressos dos dados levantados nas entrevistas, que destacam grande parte dos lares possuírem um destes aparelhos eletrônicos. A televisão, sabe-se, tem muita importância enquanto meio de comunicação a permitir que as pessoas tenham acesso às informações. Todavia, percebe-se o valor do rádio, em igual ou maior medida, entre os participantes. Como afirma o Participante 1, quando indagado acerca da importância do rádio em sua vida: “Eita, tem muita importância, dá muita notícia do Brasil todo” (Dias, 2023).

Acerca do uso do rádio, grande parte dos participantes (7 entre 10) afirmaram possuir o rádio. A partir daí, percebeu-se que ouvir emissoras de rádio ocorre com bastante frequência na Comunidade. Assim, quando indagados sobre quais são as emissoras que os aparelhos sintonizam, as respostas foram no sentido de ser possível sintonizar muitas rádios, com destaque para as seguintes: Sil Araguaia, Líder FM de Paraíso, 96 FM Unitins e Rádio Comunitária de Dois Irmãos (Dias, 2023).

Das entrevistas realizadas, percebe-se que a principal das emissoras ouvidas pelos participantes é a Sil Araguaia, FM 104,7, rádio comercial. Fundada em maio de 2018, possui a sede em Araguacema - TO, um município vizinho a Dois Irmãos (distante cerca de 100 km) (Dias, 2023). Seu alcance é de cerca de 300 km. Um dos programas desta emissora é o rádio jornal diário, cujo nome é Sil FM Notícias, das 11 h às 11h30min. Este é produzido pelo estúdio 2 da rádio, que fica localizado na cidade de Gurupi - TO e é apresentado ao vivo pelo radialista Silvério Filho de segunda a sexta-feira.

As notícias apresentadas a cada hora, durante toda a programação da rádio, também ganham destaque nas falas dos entrevistados. Estas são informes produzidos por agências de notícias (comprados em um portal de mídias). Para além destes, o programa mais citado pelos participantes é o Brasil Sertanejo, que vai ao ar de segunda a sexta-feira, das 5 h às 8 h, apresentado pelo radialista Araguaia (Raimundo Dias). Neste programa há, também, inserção de notícias ou informes.

Assim, o principal programa ouvido pela Comunidade é o Brasil Sertanejo. Por meio deste programa, os participantes podem acessar informações acerca do estado, do Brasil e do mundo.

Por fim, quando indagados se ouvem o rádio todos os dias, 7 participantes respondem que sim, ao passo que 3 não. Vê-se, por aí, a importância que o hábito de ouvir o rádio é bastante arraigado na Comunidade. Poague *et al.* (2019) faz o relato de algumas experiências com uma rádio comunitária em uma comunidade Quilombola em Bom Jardim da Prata - MG. Para os autores há que se levar em conta que o rádio é, para muitas comunidades quilombolas, uma das mais importantes formas de se acessar a informação.

Além disso, de acordo com Poague *et al.* (2019), é preciso considerar as iniciativas do Governo Federal com respeito à criação de rádios comunitárias nas comunidades quilombolas como um dos eixos do Programa Brasil Quilombola (PBQ). Tal programa reconhece, também, a importância do rádio na vida dos habitantes de comunidades quilombolas. Isto porque deve-se considerar que o rádio tem uma característica de democratização das informações e consequente fortalecimento da cidadania.

Outra característica notada da relação com o rádio foi no quesito confiança, a relação de confiança com o rádio. Primeiramente, quando indagados acerca da confiabilidade das notícias veiculadas pelos programas de rádio, todos os entrevistados, afirmaram acreditar nas notícias veiculadas pelo rádio. A este propósito, aliás, Medeiros e Prata (2021) produziram um estudo avaliando a credibilidade do radiojornalismo.

Para Medeiros e Prata (2021) entre os fatores que influenciam na fidelidade dos ouvintes, a tradicionalidade é um dos pilares que mantém os ouvintes fiéis a uma mesma emissora de rádio. A tradicionalidade não se refere apenas ao tempo de atividade da rádio, mas também à manutenção da

programação, do formato, da linha editorial e, principalmente para as emissoras locais, à permanência dos locutores. Enquanto a credibilidade da imprensa está sendo questionada, o rádio local mantém a confiança dos ouvintes, renovando os contratos de leitura e comunicação com a audiência. Isso indica que um dos caminhos para a mídia enfrentar as crises de credibilidade seria reforçar os elementos de proximidade com sua audiência.

No caso específico do Quilombo de Santa Maria das Mangueira, pode-se afirmar que o rádio é sinônimo de verdade. Assim, a expressão “deu no rádio”, como confirmação de que algo é verdadeiro aparece com frequência nas entrevistas realizadas.

Há que se destacar outra dimensão do rádio que é a sua localidade. De acordo com Medeiros e Prata (2021) o rádio é fundamental para a comunidade local, pois é um meio de comunicação eletrônica que tem um papel importante na formação de subjetividades, diálogos e relações sociais. Mesmo tendo alcance planetário, é considerado o meio de comunicação local melhor já desenvolvido. Além de fornecer serviços de utilidade pública e informar sobre questões importantes na região, em muitas cidades do interior ele atua como um elo de comunicação entre as pessoas da cidade e os habitantes da zona rural.

É o único meio de comunicação que consegue alcançar diversas regiões afastadas dos centros urbanos. Apesar de o radiojornalismo local enfatizar notícias relacionadas aos poderes oficiais e aos eventos regionais, as estações locais estão se abrindo para conteúdos mais característicos dos meios de comunicação comunitários, em uma época em que há um clamor pela cidadania em vários segmentos, tanto individualmente quanto em instituições da sociedade civil.

Esta dimensão de localidade é reiterada frequentemente entre os participantes da entrevista realizada. Por exemplo, o Participante 8 afirma: “mãe assuntou no rádio uma piada engraçada, e ela comentou comigo. Achei engraçado”. Assim, o rádio contribui para a construção das subjetividades individuais que se dão, também, por meio da troca de piadas ou informações. Trata-se de uma forma de socialização: chegar até o vizinho e lhe comentar o que ouviu no rádio é uma porta para que se estabeleçam entre os indivíduos diversas formas de contato.

O mesmo participante afirma: “Lá aonde a TV não chega o rádio já estava”. Assim, o rádio articula-se entre o local e o universal, uma vez que pode trazer às pessoas notícias do mundo todo e também intervir diretamente na comunidade, contribuindo para que ela construa a própria identidade.

Assim, o Participante 1, afirma “discuto as informações com a minha comadre”. O rádio auxilia, então, as pessoas a manterem contato entre si, dando-lhe o que comentar no dia a dia. Esta parece uma prática comum entre os participantes. Tem-se, ainda, outros exemplos deste fato, como a fala, “comento as notícias que ele ouviu no rádio e com alguém que viu a notícia pela televisão”; ou a fala do Participante 2, “de vez em quando comento com os outros notícias que ouvi no rádio”; e o Participante 6 afirmou que “às vezes discuto com o filho e o marido as notícias do rádio”.

Os exemplos se multiplicam. A comunicação é um meio de reconhecimento social e o rádio se torna uma ferramenta socialização, como Martín-Barbero (2003) pontua, em qualquer situação, a comunicação é vista como um aspecto diário do reconhecimento social, da formação e expressão das imaginações através das quais as pessoas representam seus medos e expectativas, seus temores e esperanças.

Assim, o rádio contribui para este reconhecimento do cenário cotidiano, pela formação da identidade dos indivíduos e dos seus laços sociais. O rádio ampliou suas formas de se aproximar e interagir, chegando ao ponto de emissoras locais perceberem a importância de marcar presença na internet para facilitar a comunicação com o público e manter a audiência.

Contudo, a localização geográfica do rádio continua sendo um fator essencial para definir as características fundamentais da emissora, como linguagem e formato, bem como para manter a credibilidade (Medeiros; Prata, 2021).

Martins (2008) cunhou o termo “radiomorfose” para se referir às mudanças que estão ocorrendo na radiodifusão, principalmente mediadas pelas tecnologias. Ele afirma que o rádio está se adaptando ao contexto online e inserindo novos formatos, enquanto reconfigura elementos antigos, transformando-se em uma grande constelação de signos sonoros, textuais e imagéticos. Lopez (2017) concorda que a radiomorfose afeta todas as práticas, gestões, formas de transmissão, difusão e fruição, além da definição do



conteúdo radiofônico. Apesar de todas essas transformações, o jornalismo de rádio continua sendo um fator significativo da credibilidade do meio, estabelecendo convenções pré-estabelecidas entre a audiência e a emissora.

Para começar a entender como é estabelecida a relação de confiança entre ouvinte e rádio, recorre-se aos cinco aspectos fundamentais para uma audiência fiel pontuados por Martins (2008), sendo eles: a seriedade, a qualidade, a credibilidade, a interatividade e a tradicionalidade. Esses cinco aspectos formam uma base sólida na identidade de uma emissora, que não só dialoga com aspectos simbólicos, afetivos e sensoriais, mas também gera uma sensação de segurança e um sentimento de pertencimento.

O autor Bruck (2019) usa a ideia de contratos de leitura e comunicação para explicar a credibilidade obtida pelos meios, entre outras questões, afirma que no âmbito da prática comunicativa, os contratos de leitura são evidenciados pela credibilidade que certos veículos de comunicação alcançam, pelas concessões que precisam fazer em relação à programação devido às demandas do público, pela necessidade de estabelecer uma identidade estética e explicitar as abordagens do mundo. Assim, a busca pela identificação e aproximação com o receptor é uma das maneiras pelas quais os meios de comunicação renovam constantemente seus contratos.

Em relação ao rádio, as emissoras precisam estar constantemente atentas às demandas de sua audiência. Os ouvintes têm a possibilidade de indicar suas preferências musicais, fornecer informações relevantes, compartilhar notícias e interagir de forma mais próxima com os comunicadores. Essa interação exige que o rádio esteja sempre se aprimorando, prestando serviços de utilidade pública, informando de forma ética e correta, apresentando a diversidade social e cultural sem recorrer a estereótipos.

Além disso, pode-se afirmar que os participantes estabeleceram com o rádio uma relação de cumplicidade, de amizade. É o que afirmam alguns participantes. Por exemplo, o Participante 3, quando indagado acerca do que o rádio é para ele, afirma que: “É um companheiro, é informação, é tudo”.

O Participante 5 afirma: “O rádio é um amigo, traz informações, alegrias, tristezas com uma notícia”. Pode-se agregar, ainda, outros exemplos deste tipo de afirmação. O Participante 6 diz: “É um companheiro, quando to sozinha ligo o rádio pra ele falar”. Neste tipo de afirmação, pode-se perceber certa

humanização do rádio pois o participante parece atribuir características humanas ao aparelho, a capacidade de falar, por exemplo, e lhe fazer companhia.

De acordo com Martins (2008) os meios de comunicação de massa utilizam principalmente a imagem em sua produção, sendo que o jornal impresso trabalha com imagens paradas, a TV com imagens em movimento e o rádio com imagens sugeridas ou idealizadas. O rádio é caracterizado pela sua sensorialidade, que é definida como a capacidade de envolver o ouvinte e fazê-lo participar de um diálogo mental com o emissor. Além disso, o rádio desperta a imaginação do ouvinte através da emoção das palavras e dos recursos de sonoplastia, permitindo que as mensagens possam ser interpretadas de maneiras individuais de acordo com as expectativas de cada um.

As pessoas, de acordo com a autora, atribuem características humanas ao rádio na tentativa de estabelecer com ele (ou com o locutor) uma relação de cumplicidade. Martins (2008) fala sobre a relação entre o ouvinte e a voz do radialista, que cria uma identificação e um compartilhamento emocional, construindo um espaço singular de relações. A autora destaca que essa relação permite um ato comunicativo de natureza relacional, em que radialista e ouvinte compartilham um mesmo universo de sentido, criando um sentimento de intimidade por meio da proximidade.

Assim, Martins (2008) pretende que o sentido afetivo do rádio significa fomentar a intimidade e incentivar relações próximas com o comunicador e/ou emissora, baseadas em compromissos pessoais, sentimentos e emoções. A autora esclarece que, através desse sentido, o rádio se torna um promotor da intimidade, permitindo aos ouvintes estabelecer uma relação com o meio através de laços predominantemente emocionais. O rádio não nega os sentimentos dos ouvintes, mas se aproveita deles para conquistar audiência. O rádio trabalha dentro de um limite que busca incluir a intimidade, sustentando-se na aproximação entre produção e recepção.

Neste sentido, o Participante 8 afirma que: “O rádio é importante para você não conversar sozinho”. Ora, trata-se, então, de se entabular conversa com o próprio rádio, com o locutor. O mesmo participante, adiante diz: “um companheiro, entrete a gente até demais. Um despertador, um amigo, um companheiro. É o caminho para a gente começar a andar por aí”.

O significado da parceria é de conforto em situações difíceis, companhia para aliviar a solidão e acompanhamento para atividades laborais ou preencher o tempo livre. Segundo Martins (2008), essa parceria é composta por duas configurações que se complementam: o rádio pode agir como um alento, confortando em momentos adversos da vida e preenchendo a necessidade de companhia, além de ter uma conexão com os sentimentos lúdicos e afetivos. Mesmo quando não há dificuldades, o rádio mantém sua função de companhia. Assim, quando indagados acerca do que o rádio representa para eles, a maioria respondeu com as palavras: amigo, companheiro, útil, informante, entre outros.

Contudo, vê-se, assim, que a relação de afetividade com o rádio é maior que a dependência do mesmo como fonte de informação para a maioria dos participantes. Ele acaba sendo uma forma importante de se combater a solidão dos moradores, além de informá-los, evidentemente.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O radiojornalismo tem se mostrado uma ferramenta importante na comunicação com as comunidades quilombolas e ele desempenha um papel essencial na Comunidade Quilombola Santa Maria das Mangueiras, em Dois Irmãos, Tocantins, como se evidenciou ao longo desta pesquisa. O rádio é mais do que um simples veículo de informação; ele se estabeleceu como um elo fundamental entre os moradores e o mundo exterior.

Através do rádio, os quilombolas têm acesso a notícias locais e nacionais, programas culturais e musicais, tornando-se uma fonte confiável de informação e entretenimento. A linguagem simples e acessível utilizada pelos locutores e jornalistas contribui para uma relação de afetividade entre os moradores e o rádio, gerando um senso de acolhimento e proximidade.

A pesquisa destacou que a maioria dos moradores da comunidade possui rádio, sendo este o principal meio de acesso à informação, seguido pela televisão. Entretanto, alguns ainda carecem de acesso a esse recurso, limitando sua interação com o mundo externo. Contudo, observou-se a força do rádio como um canal de credibilidade e afeto, fortalecendo os laços entre os membros da comunidade.

Apesar do papel vital do rádio, identificou-se que a Comunidade Quilombola Santa Maria das Mangueiras enfrenta desafios socioeconômicos, com falta de infraestrutura básica e limitado acesso a dispositivos de comunicação, como celulares. Isso evidencia a necessidade de ampliar o acesso à informação por meio do rádio, bem como explorar seu potencial para preservação cultural e fortalecimento da identidade quilombola.

Ademais, é imprescindível reconhecer a relevância do debate étnico-racial para compreender de maneira abrangente as dinâmicas sociais e políticas que impactam as comunidades quilombolas. Embora este estudo tenha se concentrado na influência do radiojornalismo, é fundamental destacar que a abordagem dessas questões étnico-raciais em futuras pesquisas contribuirá significativamente para uma análise mais completa e contextualizada das realidades enfrentadas por essas comunidades.

Portanto, a importância do radiojornalismo para essa comunidade é inegável, oferecendo subsídios relevantes para o desenvolvimento social e cultural. Contudo, há espaço para explorar mais profundamente seu potencial como ferramenta de conscientização de direitos e reivindicação de melhorias para os membros do quilombo. A valorização e o suporte ao rádio como instrumento fundamental de comunicação podem ser cruciais para o fortalecimento e empoderamento dessa comunidade.

## REFERÊNCIAS

ARAUJO, Valmir T.; PERUZZO, Cicilia M. K. Comunicação Popular e Comunidades Quilombolas. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 11, n. 29, p. 214–230, 2019. Acesso em: 6 jul. 2023.

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e Percepção visual**: uma psicologia da visão criadora. Edição Revista. São Paulo: Cengage Learning, 2016.

BARGAS, Janine de K. R. **Quilombolas do Pará e mídias digitais**: sociabilidade, conflito e mobilização online nas lutas por reconhecimento. 2018. 200 f. Tese (Doutorado) - Curso de Comunicação Social, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM/UFMG), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

BIANCO, Nelia R. D. **Radiojornalismo em mutação**: a influência tecnológica e cultural da internet na transformação da noticiabilidade no rádio. 2004. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

BRANCALEONE, Cassio. Comunidade, sociedade e sociabilidade: revisitando Ferdinand Tönnies. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 39, n. 1, p. 98-104, 2008.

BRETAS, Maria Beatriz A. S. Televisão. In: CAMPELLO, Bernadete S.; CALDEIRA, Paulo da T. (Org.). **Introdução às fontes de informação**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p. 89-100.

BRUCK, Mozahir. Jornalismo em reconfiguração: notas sobre contratos e contratações. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 15, n. 2, p. 418-437, ago. 2019.

CABRAL, Raquel; GEHRE, Thiago. (Ed.). **Guia Agenda 2030**: Integrando ODS, Educação e Sociedade. São Paulo: Lucas Fúrio Melara: Raquel Cabral, 2020.

CAMINHAS, Ana Margarida T. As Feiras Agroecológicas, a Segurança Alimentar e o Protagonismo Feminino nos Quintais Produtivos da Agricultura Familiar: A Contribuição para a Prática da Agenda 2030 / Agroecological Fairs, Food Safety and Female Protagonism in Family Farming Productive Backyards: Contribution to the Practice of the 2030 Agenda. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 4184–4200, 2022.

CASTANHA, Renata Cristina Gutierrez; LIMA, Larissa de Mello; MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel. Análise do discurso sob a perspectiva bibliométrica nos estudos de Ciência da Informação no Brasil. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 17-37, jan./mar. 2017. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/2813/1840>. Acesso em: 6 abr. 2023.

CAVALCANTE, Jéssica P. R. Regularização territorial do quilombo mumbuca: identidade e memória como fundamento da propriedade quilombola. 2018. 137 f. **Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos)** - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

CAVALCANTE, Jéssica P. R.. **Identidade, memória e propriedade quilombola** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Editora Fi, 2021. 172 p.

CAVALCANTE, Jéssica P. R. Comunidades Tradicionais e Direitos de Posse e Propriedade. 2023. 286 f. **Tese (Doutorado em Direito Público)** - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2023.

CNN. **Dados preliminares apontam que o Brasil tem 1,65 milhão de indígenas**. 2023. Elaborado por Daniela Amorim. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/dados-preliminares-do-censo-2022-apontam-que-brasil-tem-165-milhao-de-indigenas/#:~:text=que%20o%20sol-,Dados%20preliminares%20do%20Censo%202022%20apontam%20que,1%2>

C65%20milhão%20de%20indígenas&text=O%20Instituto%20Brasileiro%20de%20Geografia,segunda%2Dfeira%20(3). Acesso em: 30 maio 2023.

CONAQ. **Censo 2022: IBGE já recenseou 386.750 quilombolas**. 2022. Disponível em: <http://conaq.org.br/noticias/censo-2022-ibge-ja-recenseou-386-750-quilombolas/#:~:text=Pela%20primeira%20vez%20em%20150,quilombola%20como%20grupo%20étnico%20populacional..> Acesso em: 02 maio 2023.

CÔTÉ, James E.; LEVINE, Charles. A critical examination of ego identity status paradigm. **Developmental Review**, v. 8, n. 2, 147-188, 1988.

DIAS, Marciley Alves. A influência do radiojornalismo em comunidades quilombolas: o caso da comunidade tradicional quilombola de Santa Maria das Mangueiras, de Dois Irmãos, estado do Tocantins. 2023. 101f. **Dissertação (Mestrado em Comunicação e Sociedade)** – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade, Palmas, 2023.

DPAGRA/TO. Núcleos Especializados: Núcleo de Ações Coletivas e núcleo da Defensoria Pública Agrária. PROPAC N. 03/2016. **Defensoria Quilombola**, Palmas-TO. 17.03.2016.

ERIKSON, Erik H. **Young man Luther**. New York: W. W. Norton. 1958.

FARCOM. **Federação das Associações de Rádios Comunitárias do Estado do Tocantins**. Disponível em <https://www.farcomto.org/>. Acesso em 15 de jan. 2023.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FAZENDA, Ivani C. A. Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade na formação de professores. **Ideação**, [S. l.], v. 10, n. 1, p.93–104, 2010.

FERRARETTO, Luiz A. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. 2º ed. Porto Alegre, Sagra Luzzatto, 2001.

FUNAI, Assessoria de. **Brasil registra 274 línguas indígenas diferentes faladas por 305 etnias**. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2022-02/brasil-registra-274-linguas-indigenas-diferentes-faladas-por-305-etnias#:~:text=Brasil%20registra%20274%20línguas%20indígenas,Fundação%20Nacional%20dos%20Povos%20Indígenas>. Acesso em: 30 maio 2023.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GODOY, Eleniton Vieira; SANTOS, Vinício de Macedo. Um Olhar sobre a Cultura - **Educação em Revista**, v. 30, n. 3, p. 15-41, 2014.

GONÇALVES, Isabel Cristina Lima; SILVA, Rodrigo Barbosa e. O Rádio: uma história de resistência. In: **Narrativas e vivências em construção: experiências formativas em Comunicação**. Porto Alegre: Editora Fi, 2020.

GRIJÓ, Wesley P. A questão quilombola na pesquisa em comunicação. *Comunicologia - Revista De Comunicação Da UCB*, v. 9, n. 2, p. 33-51, 2016.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 22, n. 2, 2017.

HAN, Byung-Chul. **O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente**. Petrópolis: Vozes, 2021.

LOPES, Ivani da Silva; CAETANO, Lindemberg R.; CARDOSO, Jéssica S. M. Comunicação quilombola, resistência e proximidade na redução das desconexões no enfrentamento à pandemia. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 16, n. 3, 28-48, 2022.

LOPEZ, Debora C. Marcos tecnológicos do radiojornalismo no Brasil: uma revisão histórica. In: **Anais VII Encontro Nacional de História da Mídia**. Fortaleza, 2009.

LOPEZ, Debora C. La Radio en Narratives Immersives: le contenu journalistique et l'audience. In *La Radio du Futur: du téléchromophonotétroscope aux postradiomorphoses*. **Cahiers d'histoire de la radiodiffusion**, v. 1, n. 132. Paris: Comité d'histoire de la radiodiffusion. avril/juin, 2017.

LUZ. Deydjane da. Secretaria de Comunicação Social - Secom. **Fundação Palmares certifica Santa Maria das Mangueiras como comunidade quilombola. 2009**. Disponível em: <https://secom.to.gov.br/noticias/fundacao-palmares-certifica-santa-maria-das-mangueiras-como-comunidade-quilombola-26388/>. Acesso em 10 de dez. 2022.

MARCIA, James. Development and validation of ego-identity status. **Jornal of Personality and Social Psychology**, v. 3, p. 551-558, 1966.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Denis de (Org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 57-86.

MEDEIROS, Rafael; PRATA, Nair“ Liguei o rádio pra conferir se era verdade”: a credibilidade do radiojornalismo local em tempos de fake news. **Intexto**, Porto Alegre, n. 52, p. 98044, 2021.

MORAES, Nelson R.; FERREIRA, Luciana R.; SGUAREZI, Sandro B. Memória, história e desafios de povos originários e comunidades tradicionais na contemporaneidade. **Patrimônio e Memória**, v. 17, n. 1, p. 1-8, 2021.

MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do quilombo na África. **Revista USP**, [S. l.], n. 28, p. 56-63, 1996.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**. Rio de Janeiro: Fundação Palmares, QR Editor Produtor, 2002.

NUNES, Juliana César. **Comunicação Quilombola**: cenários de mobilização, visibilidade e empoderamento. 2013. 136 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

PACKALÉN, Sture. Culture and sustainability. **Corporate Social Responsibility and Environmental Management**, v. 17, n.2, p. 118-121, 2010.

PAIXÃO, Cláudio C. Natureza viva: a presença das comunidades tradicionais na Rádio Nacional da Amazônia. **Comunicação & Informação**, Goiânia, Goiás, v. 24, 2021.

PENNEROUX, Michel. **Rádio Digital e Novas Tecnologias**. Palestra no Seminário Internacional de Radiojornalismo Público. Brasília, DF. 18 e 19 de maio de 2009.

PENUEL, William R.; WERTSCH, James V.. Vygotsky and identity formation: a sociocultural approach. **Educational Psychologist**, [S.L.], v. 30, n. 2, p. 83-92, mar. 1995.

PEREIRA, Cleyciane C. M.. **Necessidades informacionais das mulheres da comunidade quilombola de Itamatatua - Maranhão**. 2018. 258 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciência da Informação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, UFBA, Salvador, 2018.

POAGUE, Kasandra. Beira Rio FM 104.9: A Frequência da educação na comunidade Quilombola de Bom Jardim da Prata. **Interagir: Pensando a extensão**, Rio de Janeiro. N. 27, p. 01-10. 2019.

POMBO, Olga. Interdisciplinaridade e integração dos saberes. **Liinc em Revista**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2006.

SAMPAIO, Walter. **Jornalismo audiovisual**: rádio, TV e cinema. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971.

SHARMA, Jessica. **Radio jornalismo**. Journalism and Mass Communication. Sri Mandir Publication: Bhubaneswar, 2017.

SILVA, Ingridi F. S.; RODRIGUES, Ivaneide L. A.; NOGUEIRA, Laura M. V.; SILVA, Hilton P.; PALMEIRA, Iaci P. Representações sociais do cuidado em saúde por mulheres quilombolas. **Esc. Anna. Nery** v. 26, 2022.



STARKEY, Guy; CRISELL, Andrew. Radio journalism. **SagePublications**: California, 2009.

TAPARELLI, Carlos Henrique A. A evolução tecnológica do rádio. **Revista USP**, n. 56, p. 16-21, 2002.

THOMPSON, John B. Ideologia e cultura moderna Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2009.

TÖNNIES, Ferdinand. **Community and Society**: gmeinschaft und gesellschaft. Mineola, New York: Dover Publications, 2002. Translated and edited by Charles P. Loomis.

VAMPRE, Octavio Augusto. **Raízes e Evoluções do Rádio e da Televisão**. Porto Alegre: Feplam. 1979.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 23, p. 5-15, 2003.

WATERMAN, Alan. Identity status theory and Erikson's theory: Communalities and differences. **Developmental Review**, v. 8, n. 2, p. 185-208, 1988.

WHITE, Leslie A.; DILLINGHAM, Beth. **O conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.